

CONTROLE VETORIAL DAS ARBOVIROSES: VULNERABILIDADES E PERCEPÇÕES DOS/AS AGENTES DE CONTROLE DE ENDEMIAS

Jéssica Kalyne Nely Eleutério Vieira¹

Sayonara Rodrigues dos Santos²

Cidoval Moraes de Souza³

Shirleyde Alves dos Santos⁴

Saúde, Segurança e Meio Ambiente

RESUMO

O modelo de controle das arboviroses, através do combate químico ao vetor, não considera os determinantes sociais destas epidemias, e tem carreado uma série de impactos à saúde humana e animal e ao meio ambiente. Os agentes de controle de endemias são impactados de diversas formas: desde o contato direto e desprotegido com os larvicidas até a precarização do trabalho. O objetivo geral deste trabalho foi identificar as percepções dos/as agentes de controle das endemias em relação ao seu trabalho e ao controle vetorial das arboviroses. O trabalho foi iniciado em 2017, em dois municípios do interior da Paraíba, e faz parte do Projeto “Tecnologias sociais e educação ambiental para o controle vetorial de arboviroses: promovendo a saúde e a qualidade de vida no semiárido paraibano”. Com uma abordagem quantiquantitativa, utilizou a Matriz FOFA; e um questionário estruturado. Para a construção da Matriz FOFA, participaram 64 ACE e ACS. Os dois municípios contam com 20 ACE, destes 11 responderam o questionário. De uma forma geral, os ACE não acreditam que o controle químico é eficiente, relatam sintomas de intoxicação e não realizam exames de rotina com frequência. Apesar das dificuldades encontradas no primeiro ano de desenvolvimento do projeto, os dados coletados já refletem o panorama de vulnerabilidades desses profissionais. Espera-se, com a continuidade do projeto, viabilizar e estimular a criação de políticas públicas voltadas para a saúde dos trabalhadores da vigilância sanitária.

Palavras-chave: Saúde e Meio Ambiente; Saúde do trabalhador; Saúde Coletiva.

INTRODUÇÃO

As ações de enfrentamento à proliferação das arboviroses Zika, Dengue e Chikungunya têm se dado, prioritariamente, no controle e ou erradicação do vetor *Aedes aegypti*, por controle químico. Entretanto, a eliminação do mosquito e dos seus criadouros não é uma tarefa fácil nas cidades brasileiras, principalmente no Nordeste, devido às condições precárias das residências e do seu entorno. O perfil de muitas cidades é de saneamento inadequado ou inexistente, coleta de lixo irregular, intermitência no abastecimento de água e

¹ Aluna do Bacharelado em Agroecologia, Campus II, UEPB, kalynenely@gmail.com

² Aluna do Bacharelado em Agroecologia, Campus II, UEPB, sayonararodrigues@hotmail.com

³ Professor Doutor do Mestrado em Desenvolvimento Regional, Campus I, UEPB, cidoval@gmail.com

⁴ Professora Mestre do Bacharelado em Agroecologia, Campus II, UEPB, shirleyde.santos@gmail.com

no controle de sua qualidade, educação sanitária e ambiental precária, fatores diretamente relacionados à permanência e disseminação dessas e de tantas outras doenças e independentes da ação da população, que quase sempre é apontada como culpada pela proliferação dos mosquitos vetores (HENRIQUES; DUARTE; GARCIA, 2016; ZARA et al., 2016).

As arboviroses vêm impactando cada vez mais determinados grupos populacionais que estão vivendo em condições que os tornam mais vulneráveis. Porto (2011) alerta sobre algumas lacunas na matriz teórica e nas propostas metodológicas no estudo das vulnerabilidades, dentre elas, a que se refere ao ocultamento ou invisibilidade das populações vulneráveis, e como tais populações podem ser reconhecidas e fortalecidas em seu papel de sujeitos coletivos portadores de direitos. Essas populações com frequência encontram-se ausentes do espaço político formal e do debate público presente na mídia hegemônica.

É o caso dos/as agentes de controle de endemias, que estão diariamente presentes nas casas, fazendo seu trabalho na guerra contra o mosquito, mas que pouco estão presentes como sujeitos das pesquisas. Augusto e colaboradores (1998), em uma carta publicada no Cadernos de Saúde Pública, apontam o modelo de controle químico do *Aedes aegypti* como inócuo, perigoso, e que segue uma lógica do Mercado e não da Saúde Pública.

Uma das inquietações geradoras do projeto “Tecnologias sociais e educação ambiental para o controle vetorial de arboviroses: promovendo a saúde e a qualidade de vida no semiárido paraibano” reside, exatamente, no modelo ineficiente de controle das arboviroses, através do combate ao vetor, especialmente o controle químico, sem considerar os determinantes sociais destas epidemias.

Objetiva-se com esse trabalho apresentar percepções dos/as agentes de controle das endemias em relação ao seu trabalho e ao controle vetorial das arboviroses.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi iniciado em 2017, em dois municípios do interior da Paraíba, como parte do Projeto “Tecnologias sociais e educação ambiental para o controle vetorial de arboviroses: promovendo a saúde e a qualidade de vida no semiárido paraibano” (aprovado pelo CNPQ).

Com uma abordagem quantiquantitativa, utilizou uma metodologia participativa (Matriz FOFA) e a aplicação de um questionário estruturado.

A Matriz FOFA (Fortalezas/Oportunidades/Fraquezas/Ameaças) é uma ferramenta muito adequada para estudos relacionados à interface entre Saúde e Ambiente (GEO HEALTH, 2009). Através da sua análise é possível perceber pontos fortes e fragilidades inerentes aos grupos estudados, bem como os pontos fortes e fragilidades externas.

A coleta de dados sistemática desempenha um papel fundamental para a qualidade e o tempo do estudo científico. Com o acesso crescente à internet, as pesquisas com o uso do ambiente virtual mostram-se como uma tendência atual para a coleta de dados e conseguem gerar resultados com custos economicamente viáveis (FALEIROS et al, 2016).

Os dados foram analisados de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção da Matriz FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças) foi realizada nos dois municípios, utilizando a mesma metodologia: foi organizado um círculo para que todos interagissem, foram distribuídas tarjetas de papel e canetas.

Participaram da construção 64 agentes de controle de endemias (ACE) e agentes comunitários de saúde (ACS), sendo 25 em um município e 39 no outro município.

Para as **Fortalezas**, foram feitas as seguintes questões: O que temos de bom? Quais são as nossas vantagens? Com que estamos satisfeitos? Para as **Fraquezas**: Com que não estamos satisfeitos? O que não estamos fazendo satisfatoriamente? Quais erros temos cometido? O que tem de ser melhorado? Para as **Oportunidades**: Quais as oportunidades o nosso ambiente externo nos oferece? Sendo esse ambiente externo o que não depende de nós. Para as **Ameaças**: Quais os riscos existentes em nosso ambiente externo?

O questionário foi construído na plataforma SurveyMonkey, com 10 perguntas fechadas e 9 perguntas abertas. O questionário foi enviado por e-mail para todos os Agentes de Controle de Endemias (ACE). Os dois municípios contam com 20 ACE, 11 ACE responderam o questionário, sendo 5 mulheres e 5 homens. 1 ACE não identificou seu gênero. Apresentamos neste trabalho, as respostas relacionadas ao controle das arboviroses e à saúde dos trabalhadores.

As respostas da MATRIZ FOFA, resumidas na Figura 1, forma muito parecidas, tanto entre os profissionais do mesmo município, quanto entre os dois municípios. Desta forma, a apresentação das respostas não foi separada por município.

FATORES INTERNOS	FATORES EXTERNOS
FORTALEZAS	OPORTUNIDADES
Confiança Paciência Capacidade de diálogo Satisfação profissional Competência Responsabilidade Coloca-se no lugar do outro Disposição em ajudar Bom diálogo Identificação com o trabalho Pontualidade Determinação Humildade Solidariedade	União Carinho Amor Apoio Acolhimento Confiança da população Vivência (realidade população) Entender (processo saúde/família) Flexibilidade(compreensão) Facilidade (comunicação) Equipamento fornecido(tablet) Conhecimento Construção (amizade) Possibilidade (capacitação)
FRAQUEZAS	AMEAÇAS
Falta de diálogo com coordenação Falta de planejamento das atividades Sensação de impotência Impossibilidade de resolver problemas Falta flexibilidade Falta de paciência Baixa autoestima Dificuldade em tudo Apatia Desmotivação Personalidade Crítica Absorver os problemas dos outros	Uso de inseticidas Falta de transporte Falta EPI's Falta de Saneamento Risco de câncer de pele Falta repelentes Falta de companheirismo Risco de contrair doenças Falta exames contínuos Baixa remuneração Vulnerabilidade Insegurança

Figura 1. Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças identificadas pelos ACE e ACS

Quando perguntados sobre quais os métodos de controle de vetores já utilizaram, foram citados: controle químico, controle mecânico e controle biológico. Entretanto, quando perguntados sobre a eficiência do controle químico de vetores, apenas 2 ACE consideram esse método eficiente.

Em Nota Técnica, a ABRASCO (2016) destaca que a expansão territorial da infestação pelo *Aedes aegypti* atesta o fracasso da estratégia atual de controle, e considera a degradação das condições de vida nas cidades, saneamento básico inadequado, particularmente no que se refere à dificuldade de acesso contínuo a água, coleta de lixo precária, esgotamento sanitário, descuido com higiene de espaços públicos e particulares – como os principais responsáveis pelo que já está sendo chamado de maior desastre sanitário da história.

Na questão sobre sentir-se mal ou sentir algum incômodo durante a aplicação das substâncias para o controle químico do *Aedes aegypti*, 8 dos 11 ACE responderam que sim, e

relataram dores de cabeça, mal estar, alergias e problemas respiratórios. E apenas 2 ACE afirmaram ter feito alguma consulta médica e/ou exame nos últimos 12 meses.

Segundo Gonzáles et al (2010), a perspectiva das doenças de trabalho traça um panorama nada alentador: milhões de trabalhadores se expõem a milhares de substâncias químicas, centenas de agentes biológicos e dezenas de fatores físicos com efeitos importantes para sua saúde. As autoras relatam a importância de um sistema de saúde que assuma uma posição teórica a respeito das desigualdades de saúde, e permita avançar na luta para diminuir as desigualdades sociais, destacando o papel da academia.

CONCLUSÕES

O projeto está em andamento, mas os dados coletados já refletem o panorama de vulnerabilidades desses profissionais. Espera-se que esse projeto possa viabilizar e estimular a criação de políticas públicas voltadas para a saúde dos trabalhadores da vigilância sanitária e de saúde.

REFERÊNCIAS

- ABRASCO. **Nota técnica sobre microcefalia e doenças vetoriais relacionadas ao Aedes aegypti: os perigos das abordagens com larvicidas e nebulizações químicas – fumacê**, 2016. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/institucional/nota-tecnica-sobre-microcefalia-e-doencas-vetoriais-relacionadas-ao-aedes-aegypti-os-perigos-das-abordagens-com-larvicidas-e-nebulizacoes-quimicas-fumace/15929/>
- AUGUSTO, L.G.S. et al. Programa de erradicação do *Aedes aegypti*: inócuo e perigoso (e ainda perdulário). **Cadernos de Saúde Pública**. 14 (4): 876-7, 1998.
- FALEIROS F et al. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto Contexto Enferm**, 2016; 25(4):e3880014.
- HENRIQUES, C.M.P.; DUARTE, E.; GARCIA, L.P. Desafios para o enfrentamento da epidemia de microcefalia. **Epidemiol.Serv.Saúde**. Brasília 25(1): 7-10. jan-mar, 2016.
- PORTO, M.F de S. Complexidade, processos de vulnerabilização e justiça ambiental: um ensaio de epistemologia política. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [online], 93: 31-58, Jun, 2011.
- World Health Organization, Pan American Health Organization, United Nations Environment Programme. **GEO Health: methodology for integrated environment and Health Assessment: a focus on Latin America and the Caribbean** [Internet]. Ciudad del Saber: UNEP; 2009. Disponível em: <http://www.pnuma.org/deat1/pdf/GEO%20Salud%20INGLES%20final.pdf>
- GONZÁLES, S.T. et al.. El papel del trabajo en la determinación de las desigualdades en salud: reflexión crítica sobre el Informe de la Comisión de Conocimiento sobre las Condiciones de Empleo de la Organización Mundial de la Salud (Employment Conditions Knowledge Network). In: NOGUEIRA, R.P. (org). **Determinação Social da Saúde e Reforma Sanitária**. Rio de Janeiro: Cebes, 2010. pp 60-86.
- ZARA, A. L. de S. A. et al. Estratégia de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. **Epidemiol.Serv.Saúde**. Brasília 25(2): 391-404. abr-jun, 2016.